

# ALGUNS ASPECTOS PARA A LEITURA DO CONCEITO DE CRIAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

*Alyson Augusto Padilha*

## RESUMO

*O conceito de criação não se constitui num conceito isolado dentro do Antigo Testamento. Sua assunção está vinculada aos pilares fundamentais da fé israelita. Assim sendo, ele encontra-se determinado, de modo especial, pela Teologia da Aliança.*

*A criação é entendida, tanto nos textos do redator Javista como nos textos do redator Sacerdotal, como a porta de entrada à história de Israel. História esta, que não está definida apenas pelo seu desenrolar cronológico, mas é atrelada à promessa feita a Abraão. A qual, encontra seu ápice na conquista da terra prometida por Josué, e que é antecedida por um dos eventos fundacionais da fé israelita: a Aliança no Sinai. Isto significa que a*

## ABSTRACT

*The concept of creation does not constitute an isolated entity inside the Ancient Testament. Its workings are connected to the fundamental pillars of Israelite faith. Thus, it is already determined, in a special way, by the Theology of the Covenant.*

*In the texts of both the Yahwist and Priestly redactors, creation is understood as the gateway to Israel's history, which is not defined by its mere chronology, but is mostly linked to the promise to Abraham. This promise reaches its culmination with Joshua's conquering of the promised land, following one of the foundational events of Israelite faith: The Covenant at Mt. Sinai. This means that the very concept of creation has been understood*

*noção de criação foi compreendida em função da história. Mas a História de Deus com o povo de Israel, que inicia com a criação, e, cujo fim, depende da experiência que o povo faz de Deus, na Aliança.*

*O presente artigo busca demonstrar como a experiência de Deus na Aliança, foi determinante na compreensão que os textos bíblicos oferecem da criação. Para alcançar este fim, mostramos como o conceito evolui desde os mitos cosmogônicos dos povos circunvizinhos a Israel, os quais foram utilizados nos materiais redacionais pelos autores bíblicos, até a percepção escatológica deste conceito nos livros do Novo Testamento.*

*Palavras-Chave: Criação, Aliança, Deus.*

*as a function of history, conceived as God's History with the people of Israel, starting in the creation, but with an end that depends on the experience of God by the same people, in the Covenant.*

*This paper aims at showing how the experience of God in the Covenant was instrumental in the understanding of creation as offered by biblical texts. In order to accomplish this, we present the evolution of the concept of creation from the cosmogonic myths of neighboring peoples, used as they have been in redactional material by biblical authors, to its eschatological framing in the New Testament.*

*Key Words: Creation, Covenant, God.*

## INTRODUÇÃO

### 1. CRIAÇÃO E TEOLOGIA NO AT.

A compreensão teológica sobre a origem da vida não obedece a um único paradigma no Antigo Testamento. Nele encontramos grande variedade de textos que refletem sobre esse tema, as duas narrações presentes no livro de Gênesis (Cf Gn 1 – 2, 1-4<sup>a</sup>; Gn 2, 4b ss), são exemplos eloqüentes da pluralidade de abordagens sobre a criação.

Essa multi-textualidade é enriquecida ainda, por grande variedade de

---

<sup>1</sup> Os textos podem ser apresentados como narrativas “histórico” - teológicas (Gn 1-2, 1-4<sup>a</sup>; Gn 2, 4b ss), hísticas (Sl 8; 74; 104), sapienciais (Pr 8, 22ss), parênese profética (Is 42) e escatologia (Cl 1, 15ss, Rm 11, 36). Destacamos que estas citações são aqui utilizadas, apenas de forma exemplificadora.

estilos literários<sup>1</sup>, que demonstram a diversidade de experiências e reflexões feitas sobre o tema. E, também significa, que não se trata de um conceito isolado, desvinculado de outros temas da reflexão teológica no AT. Sua assunção nos textos bíblicos está determinada por outros elementos da “teologia veterotestamentária” que lhe antecedem e que são fundamentais para a fé de Israel.

A relação do conceito de criação com as estruturas fundantes do Antigo Testamento indica que ela está a serviço de uma determinada teologia. O que, por sua vez, nos apresenta de antemão dois dados fundamentais.

Em primeiro lugar, que nos textos bíblicos que falam da criação, não encontramos elementos que possibilitam uma concordância com as ciências naturais modernas, o que, no entanto, não significa um demérito, mas nos conduz a uma leitura positiva da criação sob o prisma teológico.

Em segundo lugar, como consequência da perspectiva anterior, a criação não é vista como uma prova lógica da existência de Deus, mas, por ser uma teologia é interpretada como manifestação de sua revelação, demonstrando que as narrativas criacionais apresentam o modo como os hagiógrafos traduziram a experiência de Deus feita pelo povo de Israel, no período em que cada texto está circunscrito. É por isso, que a criação é apresentada pelos hagiógrafos como a narrativa de um *fato*<sup>2</sup>, pois, através de sua narração, se visa demonstrar que o senhorio de Deus sobre seu povo, estendem-se sobre a totalidade da realidade, o que incluiu necessariamente a criação.

Na estrutura narrativa deste *fato*, os hagiógrafos utilizaram-se da compreensão típica da época. É por isso que os textos apresentem resquícios de mitologias cosmogônicas antigas, dos povos circunvizinhos a Israel. É importante notar que a mitologia não era vista com o preconceito racionalista, típico do cientificismo moderno. Assim sendo, as mitologias serviram “*como um instrumento perfeitamente adaptado ao desenvolvimento adequado de determinados assuntos como este: a fé na criação*”<sup>3</sup>, em outras palavras, ela foi utilizada como meio para expressar o modo com que Israel entendeu a

---

<sup>2</sup> TRENKLER, G. “Criação”. In: BAUER, J. B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Loyola, 1984, p. 234.

<sup>3</sup> VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 1973, Vol. 1, p. 156.

relação de seu Deus com este mundo; em consequência, pouco importa aos textos bíblicos a distinção entre perfeição científica e interpretação teológica.

## 1. CRIAÇÃO E ALIANÇA

Como visto, a vinculação da noção de criação com o todo da “teologia veterotestamentária”, coloca-a em relação direta com os aspectos fundamentais do AT. Walter Eichrodt afirma que o caráter peculiar da fé israelita na criação foi expresso de diversas formas, todavia, em todas elas perpassa a concepção de que a ordem terrena depende de Deus, e, é desta percepção que emerge a fé de que a criação é obra D’ele<sup>4</sup>.

O ordenamento da realidade é expressão da forma como Israel entendia sua relação com Deus, isto é, a Aliança. Através dela acontece o reconhecimento de que tudo está submetido ao poder de Deus. Tal percepção aparece claramente na noção de criação, pois através dela, Deus estabelece um dique ao caos<sup>5</sup>, ou a superação dele, esta ação manifesta a sua soberania. Ele é a única força existente, à qual nada pode se opor, o que traduz, o fato de que sua vontade é o único poder sobre o povo, em outras palavras, a soberania manifesta a concepção que Israel tinha da Aliança. Por meio dela, Israel estava submetido a Deus, mas ocorre uma leitura retroprojetiva da mesma, que passa de Israel, como povo singular, para o todo da vida, então, o conceito de criação acaba, necessariamente, orientado em função da Aliança.

Por isso, também a criação é fundamentada como expressão da relação de Israel com seu Deus. A criação é entendida como o início de um *telos*. A soberania da vontade de Javé pressupõe uma finalidade moral para a criação, trata-se do motivo que lhe originou<sup>6</sup>.

A finalidade da criação orienta-a em função da Aliança. Essa teleologia

---

<sup>4</sup> Segundo este autor os seguintes textos: Gn 14, 19; 1Rs 8,12; Sl 8; 19; 24 e 104, seriam os mais antigos a expressar esta compreensão. Cf: **EICHRODT, Walther.** *Teologia del Antiguo Testamento*. Madrid: Biblioteca Bíblica Crístandad, 1975, p. 104.

<sup>5</sup> Esta noção aparece na narrativa sacerdotal da criação em Gn 1, 1-3, logo no início da obra criadora Deus estabelece a luz sobre o caos, antes de iniciar as obras de separação.

<sup>6</sup> **EICHRODT, Walther.** *Teologia del Antiguo Testamento*. Madrid: Biblioteca Bíblica Crístandad, 1975, p. 105.

torna-se o ponto de partida da história, como Israel a estendia. A história de Israel como um povo singular, e da relação deste povo com o seu Deus.

Este processo, todavia, foi longo, por isso, precisamos entender as bases históricas da relação de Israel com seu Deus, uma vez que, segundo Gerhrard Von Rad, Javé<sup>7</sup> não é venerado como criador antes dos séculos VII e VI, nas suas palavras: *“Israel levou algum tempo para estabelecer a relação teológica entre a fé na criação, realmente antiga, e a tradição benéfica da obra de Javé, que é por excelência a sua ação histórica”*<sup>8</sup>.

Nesta linha insere-se J. Nelis ao afirmar que é a partir do cativeiro que o tema da criação torna-se relevante do ponto de vista religioso para Israel<sup>9</sup>. Pedro Trigo pensa que o combate aos ídolos feito durante a reforma de Josias em 629 e que triunfará somente após o exílio, é que teria fortalecido a idéia de que Javé é o Senhor do mundo, como Deus ordenador da realidade, rompendo-se assim com a idéia do eterno retorno, típica dos cultos da natureza e da fertilidade, como Baal<sup>10</sup>.

Conseqüentemente a busca para estabelecer um ordenamento da realidade diante da catástrofe histórica do Exílio Babilônico, da desfiguração do culto hebraico, decorrente deste fato, levará o povo a vincular a criação com as experiências fundantes da fé de Israel, e cada uma das narrativas, ou textos criacionais, vai estabelecer o modo como Deus organiza o mundo a partir de uma visão teológica específica.

E desta conclusão, podemos inferir que o conceito de criação no AT está vinculado à noção de Aliança. É esta experiência que dá sentido a criação. Como as narrativas são feitas de modo retroprojetivo, é a Teologia da Aliança, experiência fundamental da fé de Israel, que determinará a compreensão do tema da origem do mundo e do homem. E, é por isso, que Israel conseguiu livrar sua cosmologia da perspectiva mítica Cananéia, pois

---

<sup>7</sup> Embora nem todos os textos da criação tomem Javé como criador, por exemplo, em Gn 1, Elohim é o criador, Von Rad parece supor que a Teologia Veterotestamentária deve ao Javismo seu esboço fundamental sobre a criação. Convém destacar que aqui utilizamos o termo Javé apenas por fidelidade ao autor.

<sup>8</sup> **VON RAD, Gerhrard.** *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 1973, Vol. 1, p. 144.

<sup>9</sup> ELIS, J. “Criação”. In: VAN DER BORN, A.(et all). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1977, Vol II/2, p. 315.

<sup>10</sup> **TRIGO, Pedro.** *Criação e história*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 105

a criação ocorre em função de uma finalidade que lhe estabelece Deus, a criação é um ato livre de sua vontade, e não fruto de um confronto entre divindades. No entanto ela só passou a fazer parte da Teologia do AT, quando já estava estruturada a experiência religiosa da Aliança, como vimos acima.

Como os hebreus não eram dados a especulações abstratas de cunho metafísico a-priorístico, eles formaram sua concepção de origem do mundo a partir de sua experiência histórica da ação de Deus no xodo e na Aliança. Somente após estas duas é que a criação se tornará objeto de reflexão e por isto será posta como prévia da Salvação/Aliança. Desta forma, a criação é vista em função da história da salvação; desde a origem apareceria o *telos* do projeto divino expresso na Aliança.

## 2. DA TEOGONIA E DA COSMOGONIA PARA A TEOLOGIA

É evidente nas narrativas bíblicas o uso das mitologias mesopotâmicas e cananéias. Todavia a utilização deste recurso não ocorre de forma literal. O que acontece, é o que se pode chamar de arquétipo mítico para a origem do mundo. As culturas antigas recorriam às mitologias como o homem moderno recorre à ciência, para explicar o funcionamento da realidade. O que os distingue é que para os antigos a ordem natural dependia da ação das divindades, e esta ordem não se reduzia à matéria, mas incluía também, as relações sociais. Assim, mundo e sociedade dependiam da ação dos deuses.

É neste sentido que se usa o mito, para explicar e ritualizar o ordenamento do mundo e da sociedade. A ordem das coisas depende da ação divina.

Nas mitologias dos povos vizinhos a Israel a cosmologia é precedida por uma teogonia, primeiro surgiam os deuses e depois o mundo. Tomemos como exemplo a mitologia babilônica.

No épico *Enuma Elish*<sup>11</sup> é narrada a criação do mundo e do homem, desde um conflito entre os deuses e o caos. Neste relato, no início de tudo está o caos, descrito como um monstro informe e representado pelo mar,

---

<sup>11</sup> In: MCKENZIE, J. L. *Criação*. In: Dicionário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1984. p. 195.

e que se encontrava em confronto com a terra. O caos é personificado por duas divindades Apsu (divindade masculina) e Tiamat (divindade feminina). Destes se originam todos os seres por geração. Os primeiros a serem gerados são as demais divindades, filhos dos deuses primordiais. No entanto, ocorre uma rebelião dos filhos contra os pais, e a divindade Ea, mata Apsu. Tiamat se revela então um monstro do caos e gera demônios para combater os seus filhos. Nessa guerra os deuses são chefiados por Marduc filho de Ea, o qual mata Tiamat. Ele a captura com uma rede, a enche de vento e a traspassa com uma flecha. E da carcaça do monstro cria o universo visível.

Deste combate surge o mundo composto da seguinte maneira:

- O mundo é um disco de terra apoiado sobre as águas do abismo;
- Sobre este abismo Marduc estende o arco do céu, onde se movem as estrelas e acima do qual ficam os reservatórios de chuva e vento;
- Os corpos celestes são a morada das divindades;
- Ao palácio de Marduc no céu corresponde o Exsagil na Babilônia (palácio do governo);
- O homem é feito de argila com o sangue de Kingu, uma divindade aliada de Tiamat.

O mito mesopotâmico apresenta-se sob o binômio caos X criação. O caos procede do nada e dá origem a deuses e homens, percebe-se assim que o mito incorpora a característica feminina da criação, tradição típica do politeísmo. Já a criação é fruto da luta vitoriosa da divindade contra o caos personificado em um monstro.

Subjaz a esta narrativa a concepção do eterno retorno, a percepção dos ciclos da natureza, que se renovam a cada ano, por isso que o ano novo era celebrado na primavera. Através do rito religioso se reverenciava a alternância entre caos e criação.

Outro elemento característico é que as divindades representam as forças da natureza, outra especificidade do politeísmo, em decorrência disso o homem deve prestar culto aos deuses para que eles mantenham a ordem do mundo, e também porque o homem é servo dos deuses, tendo em vista que deve sua origem a guerra feita pelos mesmos para preservar a ordem do mundo. Esta subserviência do humano é utilizada para estabelecer a ordem social. Por isso, os reis irão se atribuir a filiação divina, para serem vistos

como os responsáveis pela ordem do orbe. Em decorrência disso, as leis e a vontade do governante serão entendidas como o meio para estabelecer a ordem no mundo.

É desta forma que se estabelece a dependência do homem para com os deuses. Como o caos é vencido pela violência, numa ordem gerada pela desordem, o homem precisará prestar cultos aos deuses, porque o mal não é extirpado do mundo, pois os deuses ordenadores, ao acabar com o caos se servem de uma atitude caótica e desordenada (violência) para derrotá-lo.

Todavia, nem todas as tradições mitológicas antigas se apóiam num conflito entre deuses e caos para ordenar o mundo. No Egito se conheceu uma tradição pacífica da criação<sup>12</sup>. Na cosmologia de Heliópolis. Atum que por si surgiu de Nun (água primordial), engole o próprio esperma e gera o ar e a umidade, os quais, por sua vez geram céu e terra. O homem é feito pelo Deus carneiro Cnum que o faz num torno de oleiro. Característica que se aproxima bastante da criação do homem do relato javista, onde Deus aparece como artesão.

A aplicação destes arquétipos mitológicos em Israel não ocorre em forma de transposição, há nos textos da criação uma re-elaboração profunda de todas estas teses. Em primeiro lugar quanto ao uso do mito.

Percebe-se que a mitologia não é mera descrição mágica da realidade como se fosse uma oposição a ciência. O mito não objetiva um saber exato sobre os fatos que descreve, seu interesse não é factual, mas comportamental. Visando a formação de um núcleo de comportamentos que organize a vida humana à semelhança da ordem do mundo.

Isto conduz, necessariamente, a uma proximidade entre mito e rito. O mito formula através de eventos fantásticos e antigos uma descrição da existência humana, reportando-se ao interior de cada homem, para despertar formas de comportamento cujo fim é a transformação da vida das pessoas, ou seja, ele estipula ritualizações. Projeta-se para fora do tempo práticas e atitudes temporais humanas.

Mas, até mesmo sobre esta noção, Israel soube estabelecer um escopo específico. Na bíblia o mito não visa a mudança comportamental humana

---

<sup>12</sup> NELIS, J. "Criação". In: VAN DER BORN, A. (et all). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1977, Vol II/2, p. 317.

através de ritualizações, porque não existe um antagonista para Deus como nas mitologias circunvizinhas. Não é o rito que liberta o homem, mas a graça de Deus que o salva. Desta forma o mito é re-elaborado para atender a especificidade religiosa hebraica, para ela, Deus é superior a todas as forças, porque cria por palavra e não por ato. Além disso, não encontramos na antropologia israelita categorias atemporais para criar ritos, a modificação da pessoa e da sociedade sempre serão remetidas a eventos históricos que marcaram a ação de Deus na vida do povo, isto é, na sua história<sup>13</sup>.

O mito no AT é utilizado em sentido de saga, para explicar o surgimento das coisas, ou do mundo. Trata-se de uma “etiologia histórica”<sup>14</sup>, onde os relatos visam explicar a origem da história, para depois, indicar o seu fim. Embora não seja uma historiografia em si, a saga se reporta a elementos históricos, para captar o funcionamento das estruturas terrenas da vida e do homem<sup>15</sup>. O que nos remete novamente à noção de Aliança. A criação acontece, ou é relatada tendo em vista esta experiência histórica, o que significa que desde o início já se percebe a salvação.<sup>16</sup>

Nos relatos bíblicos não encontramos uma reflexão sobre a origem de Deus, sua cosmologia exclui a teogonia. O que evita a existência de um princípio oposto a Deus e impede de se cair no panteísmo.

Trata-se na verdade da influência da Teologia da Aliança, subjaz nela a noção da soberania de Deus. Ele é a única força existente e nada pode se opor a Ele. Como já foi dito, sua vontade é o único poder sobre o povo (Aliança), então os hagiógrafos “olham para trás” e em retroprojeção, “descobrem” que tudo está submetido ao seu poder, inclusive a criação. Desta percepção é que emerge a noção da criação como dique ao caos, ou, superação dele, pois Deus é Soberano a tudo<sup>17</sup>. Essa soberania pressupõe uma finalidade moral para a criação, é a razão pela qual Deus a desejou.

---

<sup>13</sup> FOHRER, G. *Estruturas teológicas fundamentais do AT*. São Paulo: EP, 1982, p. 269-276.

<sup>14</sup> KERN, W. “A criação como pressuposição da aliança no AT”. In: FEINER, J. & LOEHRER, M.. **A história salvífica antes de Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1972, Vol II/2, p. 24.

<sup>15</sup> FOHRER, G. *Estruturas teológicas fundamentais do AT*. São Paulo: EP, 1982, p. 274.

<sup>16</sup> GROSS, H. Exegese teológica de Gn 1-3. In: FEINER, J. & LOEHRER, M. **A história salvífica antes de Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1972, Vol II/2, p. 26.

<sup>17</sup> EICHRODT, Walther. *Teologia del Antiguo Testamento*. Madrid: Biblioteca Bíblica Crístandad, 1975, p. 106.

Nas narrativas da criação (especificamente em P) não encontramos um princípio teogônico ou cosmogônico, no máximo uma cosmogonia a serviço da teologia, fruto da experiência de Deus feita pelo povo de Israel em sua história.

Esta teologia que possibilita a superação da cosmogonia como conflito entre caos e criação, se sustenta na vontade criadora transcendente de Deus. A criação é realizada pela sua palavra plenipotente e não por um conflito, e, ainda, não há demiurgos ou auxiliares, Deus é a única causa.

Tal vontade criadora se expressa especialmente no uso dos verbos *bara* e *qanah*, que denotam ação exclusiva de Deus. O mundo advém da vontade do criador e não de um conflito primordial. *“Como produto da palavra criadora, o mundo é totalmente separado de Deus, nada tem de emanção ou manifestação da essência divina, ou de suas forças para ser captada misticamente. Só a palavra estabelece continuidade entre Deus e sua obra”*<sup>18</sup>.

A narrativa de Gn 1, em especial, opera uma demitização das teogonias e cosmogonias vizinhas, pois trata da origem do mundo sem recorrer a um princípio primordial caótico, de onde emanariam os deuses, os quais, por sua vez formariam o mundo como demiurgos<sup>19</sup>.

Cabe ressaltar que nem todos os textos sobre a criação repetem essa idéia de suspensão do conflito entre caos e criação, há textos que se reportam a este tema, mas, sem cair no politeísmo.

Como já foi ressaltado, segundo J. Nelis, o tema da criação se torna relevante a partir do cativo, pode ter sido um trabalho do Segundo Isaías, para fortalecer a idéia de que Javé era capaz de reabilitar seu povo (Cf. Is 40,26; 44, 27; 48,13; 50, 2). Esta influência teria forjado as diversas variantes da teologia da criação, desde aquelas onde Deus combate o caos (Cf. Sl 74; Jó 3, 8; 38, 10; Is 51,9); como também a idéia de construção do universo de forma arquitetônica (Pr 8, 18ss; Sab 7, 21; Jó 38, 1-11) ; até a criação por palavra.

---

<sup>18</sup> VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. 1. São Paulo: Aste, 1973, p. 150.

<sup>19</sup> GROSS, H. Exegese teológica de Gn 1-3. In: FEINER, J. & LOEHRER, M. **A história salvífica antes de Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1972, Vol II/2, p. 28.

O reconhecimento da soberania de Deus e a experiência da Aliança, bem como as diversas necessidades e experiências de libertação do povo, teriam evoluído até chegar a compreensão da criação por palavra, “em Gn 1 a Palavra de Deus é a lei mesma da criação, uma vez proferida, ela é a causa de uma constante permanente”<sup>20</sup>. Tal idéia encontra eco nos seguintes textos Sl 33,6-9; 148,5; 107,7; Is 40,26; 48,13, manifestando que Israel experienciou a Palavra de Deus como força criadora em sua história.

Embora a progressão lógica em sistemas teológicos não seja uma constante universal, a idéia não deixa de impactar pela sua plasticidade e coerência, pois consegue estabelecer uma relação adequada entre as diversas tradições bíblicas sobre a criação tendo como transfundo comum a experiência de Deus como libertador e soberano do universo.

### 3. HISTÓRIA E ESCATOLOGIA

No AT emerge a compreensão de que Deus é “fonte” da criação, conseqüentemente a existência humana não pode descambar para uma autoridade autônoma, mas está vinculada desde a origem à vontade de Deus. Por ter uma finalidade, um sentido a alcançar, a criação é o início da história, ou ao menos de uma história de Israel e seu povo<sup>21</sup>.

Essa tese é “empírica”, brota da experiência da misericórdia e fidelidade do Deus da Aliança, sendo, portanto, um pronunciamento de fé, que se estende às obras da criação<sup>22</sup>. Trata-se de uma teleologia que perpassa a criação, assim como o todo da criação está orientado para o homem (Cf Gn 1 –2, 1-4<sup>a</sup>; Gn 2, 4b ss; Sl 8), a criação feita por palavra indica que tudo está orientado a um fim, pois o mundo brota da vontade de Deus. Isto quer dizer que o homem está sujeito a esta finalidade universal. Indicando que a criação não está finalizada, trata-se do processo ao qual chamamos de *história*.

---

<sup>20</sup> NELIS, J. “Criação”. In: VAN DEN BORN, A.(et all). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1977, Vol II/2, p. 317.

<sup>21</sup> **EICHRODT, Walther**. *Teologia del Antiguo Testamento*. Madrid: Biblioteca Bíblica Cristandad, 1975, p. 108.

<sup>22</sup> Idem, *Ibidem*.

Ao estabelecer uma direção para a criação, surge a história da salvação, fazendo com que a teologia da criação seja matizada pela soteriologia. Tal compreensão emerge especialmente no Segundo Isaías. Ao tentar restaurar a crença dos israelitas no poder de Javé diante do domínio imperial babilônico, ele associa o poder criador de Javé de separar as águas primordiais e de separar a água do Mar dos Juncos (Cf. Is 42, 6; 51, 9), esse dado quer mostrar que desde o princípio há uma única ação de Javé: na criação, na libertação do Egito - Babilônia e na salvação universal.

Ele utiliza o verbo *bara* na criação de Israel como povo (Cf Is 43, 1-15), esta ação é equivalente à ação de criação do mundo, a aliança é algo tão extraordinário que é posta em pé de igualdade com a primeira criação<sup>23</sup>.

Trata-se da junção entre a compreensão da criação do mundo e a fé histórica de Israel. Em Is 51, 9 se interpola a criação do mundo com a criação de Israel, situando a luta contra o caos próximo da liberação do Egito pela abertura do Mar vermelho. *“A criação e a redenção quase coincidem e são consideradas como um único ato dramático da obra benéfica de Deus, expresso pela imagem do combate contra o dragão do caos”*<sup>24</sup>.

Nas narrativas de J e P o pensamento teológico vincula-se a soteriologia, pois eles *“não encaram a obra criadora de Javé em si mesma, mas como parte de um conjunto histórico que conduz à vocação de Abraão e vai até a conquista por parte de Israel da terra de Canaã”*<sup>25</sup>.

Isto porque as narrativas criacionais têm seu cerne na noção de salvação, é sobre ela que se assenta e possui sentido a criação. A criação é o início da história para a qual Deus projeta um *telos*. Este tema é abordado em Jeremias e pelo Trito Isaías, os quais o vinculam ao elemento escatológico, ou seja, à nova criação, uma vez que a criação não é um fato em si, mas é um prelúdio plenipotente da ação salvadora de Deus, que apenas inicia lá, mas que se plenificará na nova criação. É a partir deste aspecto que o Novo Testamento vai refletir sobre a criação, ou da nova criação que se opera em Jesus.

---

<sup>23</sup> KERN, W. “A criação como pressuposição da aliança no AT”. In: FEINER, J. & LOEHRER, M.. **A história salvífica antes de Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1972, Vol II/2, p. 46.

<sup>24</sup> VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. 1. São Paulo: Aste, 1973, p. 146.

<sup>25</sup> Idem, *Ibidem*.

Concluindo: criação e escatologia encontram-se fundadas na Aliança. É esta última o objetivo da criação, e, a sua vivência/manutenção, a condição para o povo alcançar a salvação.

## CONCLUSÃO

### Criação no Novo Testamento

O tema não é muito desenvolvido nos sinóticos, aparecendo parcimoniosamente nestes escritos (Cf Mt 19,4; Mc 10, 6; 13, 19), no entanto, recebe bastante destaque em Paulo. Onde as noções básicas do Antigo Testamento são aplicadas a Jesus.

Cristo é entendido como o princípio da criação, o primogênito, através do qual Deus criou tudo e para o qual todas as coisas tendem, Ele é o princípio (Cf. Cl 1, 15ss; Rm 11, 36; Ap 3,14) e o fim da criação (Cf. Hb 1,2; 2,8; Jo 1, 3. 10). Trata-se aqui da aplicação do princípio escatológico, a criação só pode ser entendida e explicada pela salvação. A criação é obra de Deus (Cf. Rm 1,25; 1Cor 8,6; Ef 3,9; Cl 1,16), mas ela depende Dele como no AT ( Cf Hb 2,10; 1Cor 8,6 ) e é levada a plenitude naquele que é o primogênito (Cf. Cl 1,15), porque em Cristo ocorre a nova criação, uma nova condição de todo o criado que N'ele foi recapitulado (Cf. Gl 6,15).

Para João o Logos é o mediador exclusivo da criação. Ele é também a fonte de vida por excelência, mas também a meta da vida. Estes textos indicam uma cristologia cósmica que se juntou a cristologia exaltativa do Ressuscitado Jesus de Nazaré<sup>26</sup>. Esta junção foi possibilitada pelas tradições sapienciais que interpretaram a sabedoria como mediadora da criação (Cf Pr 8, 17-22). Ao vincular Jesus a esta sabedoria, permite-se teologizar a encarnação com vistas a salvação, como também a criação, pois se Cristo é a origem dela (criação), também é o seu fim.<sup>27</sup>

Em Cl 1,16 encontramos a mesma percepção do AT sobre o tema criação/Aliança, Cristo é o mediador da criação e da nova Aliança, logo, será o destino da criação.

---

<sup>26</sup> **TRIGO, Pedro.** *Criação e história.* Petrópolis: Vozes, 1988, p. 117.

<sup>27</sup> KERN, W. "A criação como pressuposição da aliança no AT". In: FEINER, J. & LOEHRER, M.. **A história salvífica antes de Cristo.** Petrópolis: Vozes, 1972, Vol II/2, p. 56.

## BIBLIOGRAFIA

- Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.
- EICHRODT, Walther.** *Teologia del Antiguo Testamento*. Madrid: Biblioteca Bíblica Cristandad, 1975.
- FOHRER, G.** *Estruturas teológicas fundamentais do AT*. São Paulo: EP, 1982.
- NELIS, J. “Criação”. In: VAN DER BORN, A. (et all). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GROSS, H. Exegese teológica de Gn 1-3. In: FEINER, J. & LOEHRER, M. **A história salvífica antes de Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1972, Vol II/2.
- KERN, W. “A criação como pressuposição da aliança no AT”. In: FEINER, J. & LOEHRER, M. **A história salvífica antes de Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1972, Vol II/2.
- MCKENZIE, J. L.** *Criação*. In: Dicionário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1984.
- NELIS, J. “Criação”. In: VAN DEN BORN, A. (et all). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- TRIGO, Pedro.** *Criação e história*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- VON RAD, Gerhard.** *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. 1. São Paulo: Aste, 1973.

**Alyson Augusto Padilha**

*Mestrando em Estudos Bíblicos na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – SP.*